

*JULIA QUINN*

*A BELA  
E O VILÃO*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*HELENA RUÃO*

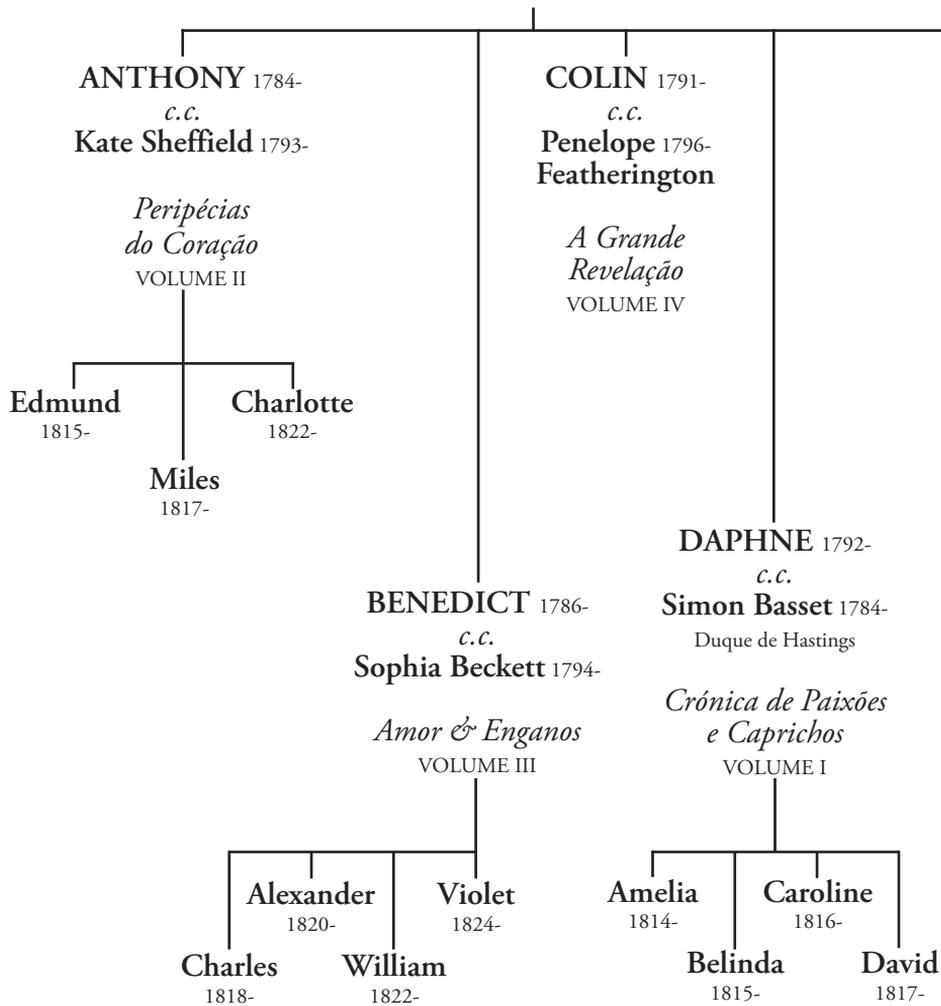
ASA



## *AGRADECIMENTOS*

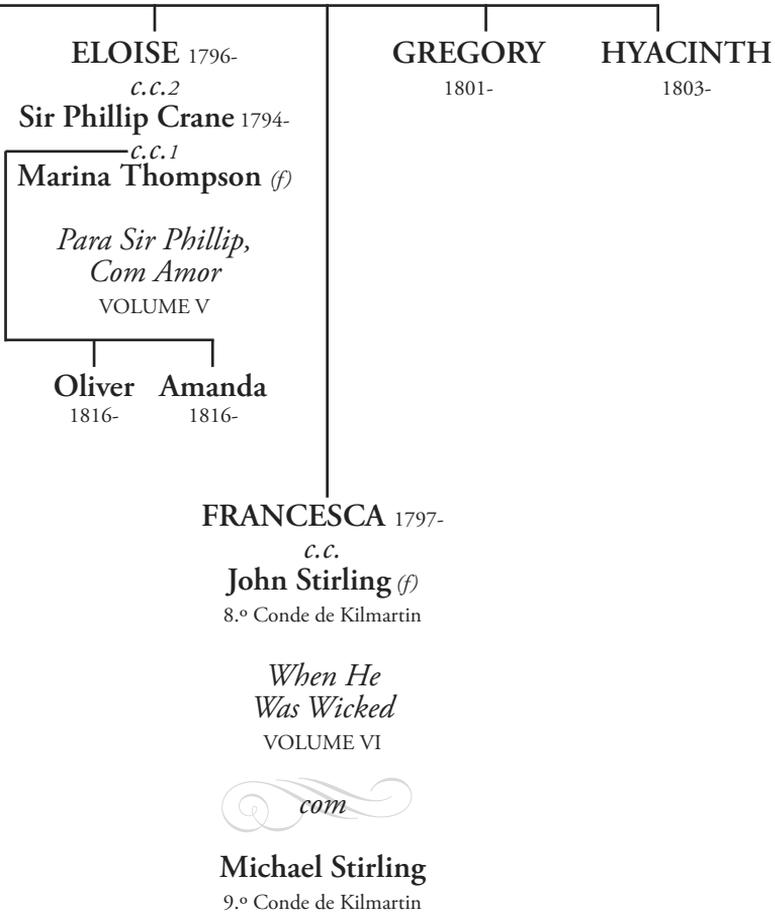
A autora gostaria de agradecer ao Doutor Paul Pottinger e ao Doutor Philip Yarnell pelos seus conhecimentos nas áreas de doenças infecciosas e de neurologia, respetivamente.

Violet Ledger *c.c.* EDMUND (*f*)



ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA

# Bridgerton



PARA VER A ÁRVORE GENEALÓGICA COMPLETA, VISITE [WWW.JULIAQUINN.COM](http://WWW.JULIAQUINN.COM)



# PARTE UM

*Março de 1820*  
*Londres, Inglaterra*



## CAPÍTULO 1

*...Eu não diria que estou a passar um tempo maravilhoso, mas também não é assim tão mau. Afinal, há mulheres, e onde há mulheres, há certamente diversão.*

De Michael Stirling para o seu primo John,  
conde de Kilmartin, enviado do 52.º Batalhão de Infantaria,  
durante as Guerras Napoleónicas

**N**a vida de cada um de nós há sempre um ponto de viragem. Um momento tão tremendo, tão nítido e claro que lhe sentimos o impacto no peito, a respiração arrancada de um sopro, e sabemos, *sabemos* com absoluta certeza e sem qualquer sombra de dúvida que a nossa vida nunca mais será a mesma.

Para Michael Stirling, esse momento chegou no instante em que pousou os olhos em Francesca Bridgerton.

Depois de uma vida a perseguir mulheres, a sorrir secretamente enquanto elas o perseguiam, a deixar-se capturar, para logo depois virar o jogo e sair vencedor, a acariciá-las e a beijá-las e a fazer amor com elas, sem nunca se deixar amarrar pelo coração, bastou-lhe pousar o olhar uma única vez em Francesca Bridgerton para se apaixonar tão depressa e tão profundamente que foi espantoso ter conseguido manter-se em pé.

Mas, infelizmente para Michael, o sobrenome de Francesca permaneceria Bridgerton umas meras trintas e seis horas mais; o momento em que se conheceram foi, lamentavelmente, o jantar de comemoração do casamento iminente dela com o primo dele.

A vida conseguia ser bastante irônica, gostava Michael de pensar nas alturas de disposição mais benigna.

Nas alturas de disposição menos benigna, o adjetivo utilizado era inteiramente diferente.

No entanto, desde que se apaixonara pela mulher do seu primo direito, raras eram as vezes em que a sua disposição podia ser considerada benigna.

Ah, ele escondia bem. Não seria bom mostrar-se abertamente irascível. Alguém um pouco mais perspicaz e irritante poderia mesmo reparar e – Deus o livre! – *perguntar* sobre o seu bem-estar. Além de que Michael Stirling sentia um certo orgulho, não sem fundamento, na sua capacidade de dissimular e enganar (afinal já seduzira um número incontável de mulheres, conseguindo mesmo a proeza de nunca ter sido desafiado para um duelo). A verdade nua e crua era que nunca se apaixonara antes, e se havia momento em que um homem seria capaz de perder a capacidade de manter a fachada quando questionado diretamente, aquele seria provavelmente o momento.

Por isso ria muito, mostrava-se alegre e continuava a seduzir mulheres, tentando não reparar na sua tendência para fechar os olhos quando as tinha na cama; deixara completamente de ir à igreja, por já não lhe parecer valer a pena pensar sequer em rezar pela sua alma. Além de que a igreja paroquial perto de Kilmartin datava de 1432 e as pedras em ruínas certamente não aguentariam o ataque direto de um raio.

Se Deus quisesse castigar um pecador, não poderia encontrar melhor espécime do que Michael Stirling.

Michael Stirling, o pecador.

Já conseguia ver o epíteto num cartão de visita. O seu humor era tão negro que poderia até mandar imprimi-lo, não fora estar convencido de que a mãe morreria no mesmo instante.

Podia ser um devasso, mas não havia necessidade de torturar a mulher que o tinha trazido ao mundo.

Era curioso como nunca vira todas aquelas mulheres como um pecado. Nem agora o fazia. Todas elas vieram de livre vontade, claro; não seria possível seduzir uma mulher se ela não estivesse disposta, pelo menos não quando se encara a sedução no verdadeiro sentido da palavra, tomando muito cuidado para não a confundir com violação. Elas tinham verdadeiramente de querer, e se não quisessem... se Michael sentisse a mais leve sombra de desconforto, dava meia-volta e afastava-se. As suas paixões nunca eram tão descontroladas que não fosse capaz de uma partida rápida e decisiva.

Contudo, nunca tinha seduzido uma virgem, nem dormido com uma mulher casada. A bem da verdade, tinha de ser sincero consigo mesmo, mesmo vivendo uma mentira... sim, já dormira com mulheres casadas, muitas, aliás, mas apenas com aquelas cujos maridos eram biltres da pior espécie e, mesmo assim, só se elas já tivessem produzido dois filhos do sexo masculino; três, se um dos rapazes tivesse um ar adoentado.

Afinal um homem sempre tem de ter algumas regras de conduta.

Mas agora... ultrapassava todos os limites. Era totalmente inaceitável. Esta era a transgressão (e ele tinha muitas) que finalmente lhe iria enegrecer a alma ou, no mínimo – e isso supondo que era capaz de ter forças para nunca agir de acordo com o seu desejo –, pintá-la num tom bastante profundo de carvão. Porque agora... agora...

Ele cobiçava a mulher do primo.

Ele cobiçava a mulher de John.

John.

Caramba! Logo John, que era mais irmão para ele do que os seus próprios irmãos alguma vez tinham sido. John, cuja família o recebera quando o seu pai tinha morrido. John, cujo pai o tinha educado e ensinado a ser homem. John, com quem...

Ah, que inferno! Será que precisava *mesmo* de se massacrar daquela maneira? Podia passar uma semana inteira a enumerar todas as razões pelas quais iria direitinho para o inferno por ter escolhido a mulher de John para se apaixonar. E nada disso iria mudar um simples facto.

Ele não podia tê-la.

Nunca poderia ter Francesca Bridgerton Stirling.

Mas *podia* beber mais um copo, pensou com desdém, deixando-se cair no sofá e apoiando um tornozelo no joelho, observando-os na outra ponta da sala de estar, aos risinhos e sorrisinhos, e a fazer olhinhos enjoativos um ao outro.

– Acho que vou – anunciou ele, acabando a bebida que tinha na mão de um só gole.

– O que disseste, Michael? – perguntou John, a capacidade auditiva excelente, como sempre.

Michael abriu um sorriso perfeitamente artificial e ergueu o copo.

– Só estou com sede – justificou, mantendo a imagem perfeita de *bon vivant*.

Estavam em Kilmartin House, em Londres, ao contrário de Kilmartin (nem casa, nem castelo, apenas Kilmartin), na Escócia, onde os rapazes tinham crescido, ou a outra Kilmartin House, em Edimburgo... não havia uma alma criativa entre os seus antepassados, pensava Michael muitas vezes; existia também Kilmartin Cottage (se é que se podia chamar a uma casa de vinte e duas assoalhadas uma casa de campo), Kilmartin Abbey e, é claro, Kilmartin Hall. Michael não fazia ideia da razão pela qual nunca ninguém pensara em oferecer o próprio sobrenome a uma das residências; «Stirling House» soava perfeitamente respeitoso, na sua opinião. Supôs que os ambiciosos e pouco imaginativos antepassados Stirling tinham ficado tão fascinados com a recém-descoberta do condado que não conseguiram sequer pensar em pôr outro nome fosse ao que fosse.

Riu desdenhosamente para o copo de *whisky*. Era espantoso não estar a beber chá Kilmartin ou sentado numa cadeira de estilo

Kilmartin. Na verdade, provavelmente estaria a fazer isso mesmo, se a sua avó tivesse encontrado uma maneira de o conseguir, sem pôr a família no comércio. A velha tirana era tão orgulhosa que seria de pensar ter nascido uma Stirling, em vez de simplesmente se ter casado com um. No que lhe dizia respeito, a condessa de Kilmartin (ela mesma) considerava-se tão importante quanto qualquer outra personalidade majestosa, e mais de uma vez mostrara o seu desagrado por ser conduzida à sala de jantar depois de uma marquesa ou duquesa arrivista.

A Rainha, raciocinou Michael. Talvez a avó se tivesse ajoelhado diante da Rainha, mas certamente não era capaz de a imaginar a mostrar deferência a qualquer outra mulher.

Ela teria aprovado Francesca Bridgerton. A Avó Stirling certamente teria torcido o nariz ao saber que o pai de Francesca era um mero visconde, mas os Bridgerton eram uma família ancestral e imensamente popular, assim como, quando estava para aí virada, poderosa. Além disso, Francesca possuía um porte reto e orgulhoso, e um sentido de humor astuto e subversivo. Se ela fosse mais velha cinquenta anos e muito menos atraente, teria dado uma excelente dama de companhia para a Avó Stirling.

E agora Francesca era a condessa de Kilmartin, casada com o seu primo John, que era um ano mais novo do que ele, mas que em casa dos Stirling fora sempre tratado com a deferência devida ao mais velho; afinal de contas, era o herdeiro. Os pais de ambos eram gémeos, mas o de John tinha vindo ao mundo sete minutos antes do de Michael.

Os sete minutos mais críticos na vida de Michael Stirling, e ele nem sequer era vivo.

– O que vamos fazer para o nosso segundo aniversário? – perguntou Francesca atravessando o aposento e sentando-se ao piano.

– O que quiseres – respondeu John.

Francesca voltou-se para Michael, os olhos surpreendentemente azuis, mesmo à luz das velas. Ou talvez fosse só porque ele sabia como eram azuis. Ultimamente parecia sonhar em azul. Aquela cor devia chamar-se «azul Francesca».

– Michael? – chamou ela, o tom indicando que a palavra era uma repetição.

– Desculpa – disse ele, oferecendo-lhe o sorriso torto que afixava no rosto com tanta frequência. Ninguém o levava a sério quando sorria daquela maneira o que era, obviamente, o objetivo.

– Não estava a ouvir.

– Tens alguma ideia? – perguntou ela.

– Para quê?

– Para o nosso aniversário.

Se ela tivesse uma flecha, não poderia ter-lha espetado mais fundo no coração. Mas ele limitou-se a encolher os ombros, sendo tão terrivelmente bom a fingir.

– Não é o meu aniversário – lembrou ele.

– Eu sei – respondeu ela.

Embora ele não estivesse a olhar para ela, a resposta parecia vir acompanhada de um revirar de olhos.

Mas não. Michael tinha a certeza de que não. Naqueles últimos dois anos acabara por conhecer Francesca dolorosamente bem, e sabia que ela não revirava os olhos. Quando se mostrava sarcástica ou irónica ou matreira, estava tudo na voz e no curioso curvar da sua boca. Ela não precisava de revirar os olhos. Simplesmente olhava uma pessoa nos olhos, os lábios curvando-se levemente e...

Michael engoliu em seco e encobriu a reação com um gole da bebida. Não lhe ficava nada bem passar tanto tempo a analisar a curva dos lábios da mulher do seu primo.

– Asseguro-te – continuou Francesca, deslizando preguiçosamente as pontas dos dedos pela superfície das teclas do piano sem produzir qualquer som – de que estou bem ciente com quem me casei.

– Tenho a certeza de que sim – murmurou ele.

– Perdão?

– Continua – insistiu ele.

Os lábios dela apertaram-se numa linha impertinente. Já a vira muitas vezes com aquela expressão, geralmente dirigida aos irmãos.

– Eu estava a pedir-te conselho – prosseguiu ela – por seres uma pessoa tão frequentemente alegre.

– Eu sou tão frequentemente alegre? – repetiu ele, sabendo que era assim que o mundo o via, afinal chamavam-lhe o Alegre Libertino, mas odiando a expressão saída dos lábios dela. Fazia-o sentir-se frívolo, sem substância.

E então sentiu-se ainda pior, provavelmente por ser verdade.

– Discordas? – perguntou ela.

– Claro que não – respondeu ele num murmúrio. – Simplesmente não estou habituado a que me peçam conselho a respeito de datas comemorativas, uma vez que é óbvio que não tenho queda para o casamento.

– Isso não é de todo óbvio – retorquiu ela.

– Agora é que a fizeste bonita – comentou John com uma risada, recostando-se na poltrona com o jornal *Times* daquela manhã.

– Nunca tentaste o casamento – salientou Francesca. – Como podes saber se tens ou não queda para isso?

Michael conseguiu abrir um sorriso afetado.

– Acho que é bastante óbvio para quem me conhece. Além disso, que necessidade tenho eu de me casar? Não possuo título, nem propriedade...

– Tens propriedade, sim senhor – interrompeu John, demonstrando que ainda estava atento à conversa por trás do seu jornal.

– Apenas uma pequena propriedade – corrigiu Michael – que terei todo o prazer em deixar para os vossos filhos, uma vez que me foi dada pelo John, de qualquer maneira.

Francesca olhou para o marido, e Michael soube exatamente o que ela estava a pensar – que John lhe havia dado a propriedade porque queria que o primo sentisse que tinha algo de seu, um propósito. Michael andava insatisfeito e perdido desde que saíra do exército vários anos antes. E embora John nunca o tivesse dito, Michael sabia que ele se sentia culpado por não ter lutado pela Inglaterra no Continente, por se ter deixado ficar enquanto Michael enfrentava o perigo sozinho.

Mas John era herdeiro de um condado. Ele tinha o dever de casar, de ser produtivo e de se reproduzir. Ninguém esperava que ele fosse para a guerra.

Michael pensava muitas vezes se a propriedade de oito hectares, com um solar bastante agradável e confortável, seria uma forma de penitência para John. Suspeitava também que Francesca se perguntava o mesmo.

Mas ela nunca o questionaria. Francesca compreendia os homens com uma lucidez notável, talvez por ter crescido com tantos irmãos. Francesca sabia exatamente o que não perguntar a um homem.

O que deixava sempre Michael ligeiramente preocupado. Ele pensava que escondia bem os seus sentimentos, mas... e se ela *sabia*? Ela nunca o mencionaria, é claro, nunca faria a mais pequena alusão. Aliás, ele suspeitava que, ironicamente, ambos eram muito parecidos nisso. Mesmo se Francesca suspeitasse que ele estava apaixonado por ela, *nunca* alteraria o comportamento para com ele.

– Acho que deviam ir para Kilmartin – disse Michael abruptamente.

– Para a Escócia? – perguntou Francesca, tocando um si bemol suave no piano. – Tão próximo do início da temporada?

Michael levantou-se, subitamente ansioso por sair dali. Nem sequer deveria ter vindo.

– Porque não? – disse ele, em tom descontraído. – Tu adoras lá estar. O John também. A viagem não é assim tão longa se a carruagem tiver boas molas.

– Vens connosco? – perguntou John.

– Não me parece – respondeu Michael com certa rispidez.

Não estava com vontade nenhuma de testemunhar a festa de aniversário de ambos. Na verdade, só serviria para o fazer lembrar do que ele nunca poderia ter. O que, por sua vez, faria vir ao de cima o sentimento de culpa. Ou aumentá-lo ainda mais. Um lembrete bastante desnecessário, já que era obrigado a viver com isso todos os dias.

Não cobiçarás a mulher do teu primo.

Moisés deve ter-se esquecido de escrever mais esta.

– Tenho muito que fazer por cá – justificou Michael.

– Tens? O quê? – perguntou Francesca, os olhos iluminando-se de interesse.

– Oh, tu sabes – ironizou ele –, todas aquelas coisas que tenho de fazer para me preparar para uma vida dissoluta e fútil.

Francesca levantou-se.

Oh, Deus, ela levantara-se e caminhava na direção dele. Isso era o pior: quando ela lhe tocava.

Ela pousou-lhe a mão no braço e Michael esforçou-se ao máximo para não se encolher.

– Gostava que não falasses dessa maneira – disse ela.

Michael olhou, por cima do ombro dela, para John, que levantara o jornal apenas o suficiente para poder fingir que não estava a ouvir.

– Estou a tornar-me um dos teus projetos, é? – perguntou Michael, com um traço de maldade.

Ela recuou.

– Nós preocupamo-nos contigo.

Nós. Nós. Não *eu*, nem o *John*. Nós. Uma lembrança subtil de que eles eram um só. John e Francesca. Lord e Lady Kilmartin. É claro que ela não quisera dizê-lo dessa forma, mas era assim que ele interpretava.

– Eu também me preocupo convosco – disse Michael, à espera que uma praga de gafanhotos invadisse subitamente a sala.

– Eu sei – respondeu ela, ignorante da sua angústia. – Não podia ter pedido um primo melhor. Mas eu quero que sejas feliz.

Michael olhou de soslaio para John, numa clara súplica silenciosa que dizia: *Salva-me*.

John parou de tentar fazer de conta que lia e pousou o jornal.

– Francesca, querida, o Michael é um homem adulto. Ele vai encontrar a felicidade como e *quando* lhe aprouver.

Os lábios de Francesca contraíram-se e Michael percebeu-lhe a irritação. Ela não gostava de ser contrariada, e muito menos de ter

de admitir que podia não ser capaz de organizar todo o seu mundo – e o das pessoas que nele habitam – a seu bel-prazer.

– Eu devia apresentar-te à minha irmã – anunciou ela.

Era só o que lhe faltava!

– Eu conheço a tua irmã – apressou-se Michael a responder.  
– Todas elas, na verdade. Mesmo a que ainda mal deixou os cueiros.

– Ela não usa... – Francesca interrompeu-se, cerrando os dentes. – Concordo que a Hyacinth não é adequada, mas a Eloise é...

– Eu não vou casar com a Eloise – cortou Michael.

– Eu não disse que tinhas de casar com ela – contrapôs Francesca. – Bastava dançares com ela uma ou outra vez.

– Já o fiz – lembrou ele. – E isso é o bastante.

– Mas...

– Francesca – advertiu John, num tom suave, mas com um significado claro: *para*.

Michael ficou tão grato pela interferência que poderia tê-lo beijado. Obviamente, John pensara apenas em salvar o primo da dispensável e desnecessária censura feminina; era impossível ele saber a verdade: que Michael estava a tentar calcular o nível de culpa que alguém poderia sentir por estar apaixonado pela mulher do primo e pela irmã da mulher.

Por Amor de Deus! Casado com Eloise Bridgerton. Queria Francesca *matá-lo*?

– Vamos todos dar um passeio? – sugeriu Francesca de repente.

Michael olhou de relance pela janela. Todos os vestígios da luz do dia haviam abandonado o céu.

– Não é um pouco tarde para isso? – questionou.

– Não com dois homens fortes a servir de companhia – respondeu ela. – Além de que as ruas de Mayfair são muito bem iluminadas. É perfeitamente seguro. – Virou-se para o marido. – O que me dizes, querido?

– Eu tenho um compromisso esta noite – anunciou John, consultando o relógio de bolso –, mas vai com o Michael.

Mais uma prova de que John não fazia ideia dos sentimentos de Michael.

– Vocês os dois divertem-se sempre muito quando estão juntos – acrescentou John.

Francesca virou-se para Michael e sorriu, infiltrando-se-lhe mais um centímetro no coração.

– Acompanhas-me? – pediu ela. – Estou desesperada por um pouco de ar fresco, agora que a chuva parou. Estive o dia todo com uma sensação estranha, devo dizer.

– Claro que sim – respondeu Michael, já que todos sabiam que ele não tinha compromissos. A vida dele era feita de uma libertinagem cuidadosamente cultivada.

Além de ser incapaz de lhe resistir. Sabia que devia manter-se afastado, sabia que nunca deveria permitir-se ficar sozinho com ela. É certo que nunca tomaria uma atitude concordante com os próprios desejos, mas, sinceramente, por que razão se submetia a uma agonia destas? Acabaria o dia sozinho na cama, assolado pela culpa e pelo desejo, ambos quase na mesma medida.

Mas quando ela lhe sorria, era incapaz de dizer não. Muito menos tinha força de vontade suficiente para negar a si próprio uma hora na sua companhia.

Porque a companhia dela era tudo a que alguma vez teria direito. Nunca haveria um beijo, nunca um olhar cheio de significado ou um toque. Não haveria palavras de amor sussurradas, nem gemidos de paixão.

Tudo o que poderia ter era o seu sorriso e a sua companhia, e sendo o idiota patético que era, estava mais do que disposto a aceitar.

– Dá-me só um momento – pediu ela, parando na porta. – Preciso de ir buscar um casaco.

– Despacha-te – avisou John. – Já passa das sete da tarde.

– Fico perfeitamente segura com o Michael a proteger-me – respondeu ela com um sorriso bem-disposto –, mas não te preocupes, serei rápida. – E brindando o marido com um sorriso atrevido, acrescentou: – Aliás, sou sempre rápida.

Michael desviou o olhar ao ver o primo corar. Meu Deus! Ele *realmente* não queria saber o significado por trás daquele «*serei rápida*». Infelizmente, podia significar uma infinidade de coisas, todas elas delirantemente sexuais; o mais provável era passar a próxima hora a catalogá-las na sua mente, imaginando-se o beneficiário.

Ajeitou o plastrão. Talvez pudesse escapar do passeio com Francesca. Talvez pudesse ir para casa e preparar um banho frio. Ou melhor ainda, encontrar uma mulher solícita de longos cabelos castanhos. Com sorte, de olhos azuis, também.

– Peço desculpa – disse John, assim que Francesca saiu.

Os olhos de Michael voaram para o rosto do primo. Certamente John nunca mencionaria as insinuações de Francesca.

– Sei que ela está sempre a moer-te o juízo – explicou John. – Ainda és jovem. Não precisas de casar já.

– Tu és mais novo do que eu – salientou Michael, mais para contrariar.

– É verdade, mas conheci a Francesca – respondeu John, encolhendo os ombros, impotente, como se essa explicação fosse suficiente. Obviamente, era.

– Eu não me importo que ela me moa o juízo – comentou Michael.

– Claro que te importas. Posso vê-lo nos teus olhos.

Esse era o problema. John *podia* ver a reação nos olhos dele. Não havia ninguém que o conhecesse melhor. Se alguma coisa o incomodava, John seria sempre capaz de perceber. O milagre era John não perceber a *razão* da angústia de Michael.

– Vou pedir-lhe para te deixar em paz – disse John –, mas quero que saibas que ela só te azucrina porque te adora.

Incapaz de quaisquer palavras, Michael conseguiu esboçar um pequeno sorriso.

– Obrigado por a levares a passear – agradeceu John, levantando-se. – Ela tem estado um pouco irritadiça por causa da chuva. Disse que está a sentir-se invulgarmente enclausurada.

– A que horas é o teu compromisso? – perguntou Michael.

– Às nove – respondeu John, quando saíam para o corredor.  
– Vou encontrar-me com Lord Liverpool.

– Questões parlamentares?

John assentiu com a cabeça. Ele levava muito a sério a sua posição na Câmara dos Lordes. Várias vezes Michael se perguntara se teria encarado o dever com tanta gravidade, caso tivesse nascido lorde.

Provavelmente não. Mas, também, que importância tinha?

Michael viu John friccionar a têmpora esquerda.

– Estás bem? Pareces um pouco... – não terminou a frase porque não tinha a certeza de como John parecia. Mas não lhe parecia bem. Só isso.

E conhecia John. Como a palma da sua própria mão. Talvez ainda melhor do que Francesca o conhecia.

– Uma tremenda de uma dor de cabeça – resmoneou John. – Não me largou o dia todo.

– Queres que peça para trazerem láudano?

John fez que não com a cabeça.

– Odeio isso. Deixa-me a cabeça confusa, e eu preciso do meu juízo em perfeitas condições para o encontro com Liverpool.

Michael anuiu.

– Estás pálido – comentou. Ora, o que sabia ele? Certamente não iria mudar a opinião de John em relação ao láudano.

– Estou? – perguntou John, encolhendo-se de dor ao fazer mais pressão com os dedos nas têmporas. – Acho que me vou deitar, se não te importas. Só tenho de sair daqui a uma hora.

– Fazes bem – murmurou Michael. – Queres que peça a alguém para te acordar?

John negou com a cabeça, respondendo:

– Eu peço ao meu criado particular.

Nesse momento, Francesca desceu as escadas, envolta numa longa capa de veludo azul-escuro.

– Boa noite, meus senhores – disse ela, deleitando-se claramente com a exclusividade da atenção masculina. Mas assim que

atingiu o fundo da escadaria, franziu a testa. – Passa-se alguma coisa, querido? – perguntou a John.

– Não é nada. Só uma dor de cabeça – respondeu ele.

– Devias ir deitar-te – aconselhou ela.

John conseguiu esboçar um sorriso.

– Acabei de dizer ao Michael que estava a pensar nisso mesmo.

Vou pedir ao Simons que me acorde a tempo da reunião.

– Com Lord Liverpool? – perguntou Francesca.

– Sim. Às nove.

– É por causa das Seis Leis?<sup>1</sup>

John assentiu em confirmação.

– E sobre o regresso ao padrão-ouro. Falei-te disso ao pequeno-almoço, se bem te lembras.

– Não te esqueças de... – Interrompeu-se, sorrindo e abanando a cabeça. – Bem, tu sabes como me sinto em relação a isso.

John sorriu, inclinou-se e deu-lhe um beijo suave nos lábios.

– Eu sei sempre como te sentes, querida.

Michael fingiu olhar para outro lado.

– Nem sempre – brincou ela, a voz quente e provocante.

– Sempre que é preciso – revidou John.

– *Isso é verdade* – admitiu ela. – Lá se vai a minha tentativa de ser uma mulher misteriosa.

Ele beijou-a novamente.

– Eu prefiro que sejas um livro aberto.

Michael pigarreou. Não lhe devia ser tão difícil; John e Francesca estavam a comportar-se da maneira que lhes era habitual. Afinal eles eram, como a maioria da alta sociedade comentara, como duas gotas de água: davam-se maravilhosamente e amavam-se prodigiosamente.

– Está a fazer-se tarde – disse Francesca. – Tenho de sair agora, se ainda quero apanhar um pouco de ar fresco.

<sup>1</sup> As Seis Leis (*Six Acts*), aprovadas em 1819, foram medidas repressivas tomadas pelo governo britânico para lidar com a agitação reformista radical na sequência do que ficou conhecido como «Massacre de Peterloo». (*N. da T.*)

John concordou com um gesto de cabeça, fechando os olhos um momento.

– Tens a certeza de que estás bem?

– Sim, estou bem – reiterou ele. – É só uma dor de cabeça.

Francesca enfiou a mão no braço de Michael, mas quando chegou à porta, ainda disse por cima do ombro:

– Não te esqueças de tomar o láudano quando voltares da reunião, já que sei perfeitamente que não o vais fazer agora.

John assentiu com a cabeça, a expressão cansada, e subiu as escadas.

– Pobre John – comentou Francesca ao sair para o ar revigorante da noite. Inspirou fundo e soltou um suspiro. – Detesto dores de cabeça. Têm o dom de me deixar especialmente em baixo.

– Eu nunca as tenho – admitiu Michael, conduzindo-a escada abaixo até à calçada.

– Verdade? – Ela olhou para ele, um canto da boca a curvar-se num trejeito tão dolorosamente familiar. – Que sorte a tua!

O comentário quase fez Michael dar uma gargalhada. Ali estava ele, a passear na noite com a mulher amada.

Que sorte a dele.

## CAPÍTULO 2

*...e mesmo se fosse assim tão mau, suspeito que não me dizias. Quanto às mulheres, tenta, pelo menos, certificar-te de que são asseadas e não têm doenças. Quanto ao resto, faz o que tiveres a fazer para tornares o tempo suportável. E, por favor, tenta não seres morto. Correndo o risco de soar piegas, não sei o que faria sem ti.*

Do conde de Kilmartin para o seu primo Michael Stirling,  
enviado ao cuidado do 52.º Batalhão de Infantaria  
durante as Guerras Napoleónicas

**A** pesar de todos os seus defeitos – e Francesca estava disposta a admitir que Michael Stirling tinha muitos –, ele era um homem verdadeiramente *encantador*.

Era terrivelmente sedutor (já o vira em ação e tinha de admitir que qualquer mulher, por mais inteligente que fosse, perdia todo o bom senso quando ele decidia ser encantador), e não encarava a vida com a gravidade que ela e John teriam gostado, mas apesar de tudo isso, não podia deixar de sentir um grande amor por ele.

Era o melhor amigo de John – até John se ter casado com *ela*, é claro – e ao longo dos últimos dois anos tornara-se, também para ela, um bom confidente.

Era curioso. Quem diria que teria um homem como um dos seus amigos mais íntimos?

Não que se sentisse pouco à vontade com os homens; quatro irmãos tendiam a extirpar qualquer traço de delicadeza da mais feminina das criaturas. Mas ela não era como as irmãs. Daphne e Eloise... e até Hyacinth, talvez, embora ela fosse muito jovem ainda para se saber com certeza... eram tão extrovertidas e alegres. Eram daquele tipo de mulher que se distinguia em atividades como a caça e o tiro, o que as levava a serem consideradas «boas parceiras». Francesca já notara que os homens se sentiam sempre confortáveis na presença delas e o sentimento era inteiramente mútuo.

Mas ela era diferente. Sempre se sentira um bocadinho diferente do resto da família. Amava-os com toda a força do seu coração e daria a sua vida por qualquer um deles, mas embora se parecesse com uma Bridgerton, interiormente sempre se sentira um pouco deslocada.

Ao passo que o resto da família era sociável, ela era... não exatamente tímida, mas um pouco mais reservada, mais cuidadosa com as palavras. Desenvolvera a fama de ser irónica e sagaz, e era a primeira a admitir que raramente conseguia resistir à oportunidade de alfinetar os irmãos com um comentário mordaz. É claro que o fazia por amor, e talvez com uma pitada do típico desespero proveniente de passar demasiado tempo com a família, mas eles também não se deixavam ficar e devolviam-lhe qualquer provocação, por isso a justiça era feita.

Era a dinâmica da família. Eles riam-se, provocavam-se uns aos outros, discutiam. A contribuição de Francesca para o tumulto era apenas ligeiramente mais pacata do que a dos demais, um pouco mais astuta e subversiva.

Muitas vezes se perguntava se parte da atração que sentira por John fora o simples facto de ele a ter afastado do frequente caos que era a família Bridgerton. Não que ela não o amasse; amava-o, sim. Adorava-o com cada pulsar do seu corpo. Ele era a sua alma gémea, tão parecido com ela em tantas coisas. Mas, de uma certa e estranha maneira, fora um alívio sair da casa da mãe, escapar para uma existência mais serena com John, cujo sentido de humor era exatamente igual ao dela.

Ele entendia-a, antecipava-lhe até o pensamento.

Completava-a.

Quando o conheceu, a sensação fora tão estranha... quase como se ela fosse a peça recortada de um *puzzle* que finalmente encontrara o encaixe perfeito. O primeiro encontro não tinha sido o de amor ou de paixão à primeira vista, mas antes pleno de uma bizarra sensação de ter finalmente encontrado a única pessoa com quem poderia ser totalmente ela própria.

Fora instantâneo. Repentino. Não se lembrava exatamente do que ele lhe dissera, mas a partir do momento em que as primeiras palavras lhe saíram dos lábios, ela sentiu-se em casa.

E com ele viera Michael, o primo, embora verdade seja dita, os dois eram muito mais como irmãos. Tinham sido criados juntos e, sendo tão próximos em idade, tinham partilhado tudo.

Isto é, quase tudo. John era o herdeiro de um condado e Michael era apenas o primo, por isso era natural que os dois rapazes não fossem tratados exatamente da mesma maneira. Mas pelo que Francesca ouvira dizer e pelo que agora conhecia da família Stirling, ambos tinham sido amados em igual medida, e estava convicta de ser essa a chave para o bom humor de Michael.

Porque embora John tivesse herdado o título e a riqueza, e bem... tudo, Michael parecia não sentir uma ponta de inveja.

Ela achava incrível o facto de ele não sentir inveja. Fora criado como irmão de John, como o irmão mais velho de John, aliás, e ainda assim jamais sentira rancor pelas benesses do primo.

Era por essa razão que Francesca o amava tanto. Michael certamente faria troça dela se tentasse elogiá-lo por isso e sem dúvida iria salientar os seus muitos peca-dinhos (nenhum dos quais, infelizmente, eram exagerados) para provar que a sua alma era negra e que era um completo facínora, mas a verdade é que Michael Stirling possuía um espírito generoso e uma capacidade de amar inigualável.

E se não lhe encontrasse uma mulher brevemente, iria enlouquecer.